

A confiança tradutiva em fenómenos de *crowd translation*

Translation Trust on Situations Involving Crowd Translation

CÉLIA VERÓNICA MARTINS TAVARES*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Confiança, Crowd Translation, Translation Crowdsourcing, Confiança Tradutiva, Tradução Colaborativa, Redes Sociais.

KEYWORDS: Translation, Trust, Crowd Translation, Translation Crowdsourcing, Translation Trust, Collaborative Translation, Social Networks.

1. Introdução

Os avanços registados no campo das tecnologias da informação têm-se combinado ao longo dos anos com novas metodologias de comunicação e tradução, com vista à promoção de processos cada vez mais automatizados que facilitem a comunicação.

Neste contexto, os avanços registados têm contribuído para uma evolução constante na área da tradução, permitindo novas formas de operar que acabam por facilitar o trabalho não só do tradutor, mas também de um simples utilizador da Internet com necessidades de tradução momentâneas.

Os principais métodos de tradução que se foram registando ao longo dos anos concentram-se essencialmente nos processos de tradução assistida por computador, na tradução automática e, mais recentemente, também na tradução colaborativa realizada por tradutores voluntários e que mais vulgarmente se denomina por *crowd translation*.

O objeto de estudo aqui presente encontra-se, assim, especialmente centrado nos processos de *crowd translation* que têm emergido por toda a web, com particular enfoque nos promovidos pelas redes sociais de maior renome, como o Facebook e o Twitter. Estes processos são particularmente interessantes, porque beneficiam dos efeitos do coletivismo inerentes à sociedade em rede,

* ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.
CEOS.PP - Centro de Estudos Organizacionais e Sociais do Politécnico do Porto.

sendo dotados de certas particularidades, como o recurso a indivíduos voluntários que podem, eventualmente, não reunir as competências necessárias para realizar este tipo de trabalho.

Nesse sentido, é importante permitir uma maior compreensão da dinâmica existente no processamento de atividades colaborativas na área da tradução. Essa compreensão passa, em meu entender, pela introdução da variável da confiança neste processo, pelo que é introduzido o conceito de confiança tradutiva, mais à frente explorado neste artigo. Este conceito permite uma reflexão sobre a forma como esta abordagem à tradução se destaca dos moldes teóricos da tradução, nomeadamente no que à fiabilidade dos processos diz respeito. Permite, igualmente, que se compreenda melhor o fenómeno da tradução colaborativa através de uma reflexão sobre o processo de aquisição de competências tradutivas nos indivíduos e de que forma esse conhecimento é potenciado pelas características inerentes a uma sociedade em rede.

2. Enquadramento teórico

2.1. Aquisição de competências tradutivas

As competências de tradução e a forma como essas competências surgem no indivíduo são muitas vezes alvo de reflexão por parte dos estudos da tradução. Por vezes, assume-se que essa competência advém de forma natural em indivíduos bilingues ou advém de forma trabalhada e formal por outras vias (académica, por exemplo). Por bilinguismo entendemos a corrente de Lörcher, ou seja, a de um indivíduo que usa ou pode usar duas línguas ou duas variáveis de uma mesma língua no seu dia-a-dia (cf. Lörcher, 2012, p. 4). Isto significa, portanto, que a competência do indivíduo em cada uma das línguas pode variar em cada uma das competências em que uma língua se revê (falar, escrever, ler e ouvir) e também na sua capacidade de domínio comunicativo nas mais diversas situações do dia-a-dia.

Assim, partindo deste conceito, torna-se possível fazer a ponte para aquilo que poderá ser considerado o processo de aquisição de competências linguísticas e que é colocado em questão nas novas modalidades de tradução que se encontram em fenómenos como a *crowd translation*. Existem, assim, essencialmente duas perspetivas que encaram o processo de aquisição de competências tradutivas e que se podem identificar como a Tradução Natural e a Socialização da Tradução.

A Tradução Natural é definida por Brian Harris, como a tradução levada a cabo por indivíduos bilingues, em circunstâncias normais do dia-a-dia, sem formação específica para isso (cf. Harris, 1976, p. 1). Segundo este autor, a tradução não é uma ocupação reservada unicamente aos altamente qualificados ou profissionais, sendo antes uma capacidade e uma atividade universal de pessoas comuns, defendendo que «All bilinguals can translate» (*ibid.*, p. 5).

Esta visão conduz a uma reflexão sobre aquilo que são, ou não, as competências necessárias para traduzir, assim como à envolvimento da Tradução Natural em fenómenos como a *crowd translation*. No entanto, esta perspectiva de Brian Harris é controversa. Lörcher, por exemplo, identifica três razões que sustentam a impossibilidade dos bilingues terem competências tradutivas de forma inata e natural, que são (cf. Lörcher, 2012, p. 5): embora alguns bilingues possuam competências em duas línguas, essas competências não se encontram exatamente no mesmo nível; é frequente que os bilingues possuam algumas lacunas no que respeita a consciência metalinguística e meta-cultural necessária a uma correta transposição mental do texto de origem para um texto de chegada e, por fim, as competências dos bilingues não incluem necessariamente a competência para transferir significados ou formas de uma língua para outra.

Toury, por outro lado ainda, e apesar de admitir que existe, de facto, uma predisposição inata para traduzir, não considera que esta aptidão seja totalmente decorrente da existência ou não de bilinguismo (*apud* Lörcher, 2012, p. 6). Como refere Darwish, suportando-se em Toury, «the inateness hypothesis does not account for the emergence of translation as a skill and the acquisition of translating as a skill does not amount to the mere unfolding of an innate predisposition» (Darwish, 2000, p. 2). Toury, aliás, explora um modelo que reflete a tentativa de conversão de um bilingue em tradutor e que denomina como a Socialização da Tradução (cf. Toury, 1995, pp. 241-258). Só esse modelo reflete, por si só, que não acredita que um bilingue possa ser, de forma automática, um tradutor.

De facto, Toury questiona-se sobre o processo que conduz à conversão de um bilingue em tradutor, especialmente fora do sistema educativo, uma vez que não considera que o desenvolvimento do bilinguismo numa criança possa ocorrer de forma automática e em paralelo com o desenvolvimento de competências tradutivas. O bilinguismo é considerado necessário, mas não o suficiente para o desenvolvimento de competências tradutivas, ao passo que Harris, como evidenciado anteriormente, considera que o bilinguismo e as competências tradutivas se desenvolvem em paralelo. Nesse sentido, Toury considera que para além da competência linguística, um tradutor tem,

necessariamente, de desenvolver uma competência de transferência que requeira a transferência de textos «con lo que implica estructuras, del conocimiento que no forman parte del bilingüismo.» (Hurtado, 2001, p. 402).

Em suma, a base que se poderá encontrar em fenómenos como a *crowd translation* será possivelmente assente no tipo de perspetivas como a de Harris, de forma a justificar o facto de alguns indivíduos comuns assumirem que serão detentores das competências necessárias para traduzir.

2.2. A Sociedade em Rede

Apesar da diversidade de conceitos existentes para caracterizar a sociedade que vive sob a influência da informação e das tecnologias de comunicação, Jan Van Dijk (2012) considera que todos os conceitos existentes refletem a realidade de uma sociedade moderna, com uma infraestrutura social e de media que acaba por caracterizar a sua forma de operar e de se organizar a todos os níveis, seja individual, em grupo ou em sociedade. O mesmo autor considera ainda que «in western societies, the individual linked by networks is becoming the basic unit of the network society. In eastern societies, this might still be the group (family, community, work team) linked by networks.» (2012, p. 24).

Neste contexto, e tendo em conta a sociedade atual, é notória a forma como se pode beneficiar desta rede de interações. Conceitos como a sabedoria das multidões acabam por emergir e refletir as mudanças que passam a ocorrer no paradigma do trabalho e da aprendizagem.

A sabedoria das multidões assenta no conceito da inteligência coletiva, conceito esse promovido por James Surowiecki (2007). Este conceito sustenta a ideia de que um grupo de pessoas consegue produzir de forma mais eficaz do que os membros desse grupo de forma individual. Apoiar-se igualmente na ideia de que a diversidade é um valor em si mesmo e que as soluções apontadas por um grupo composto por pessoas diferentes, onde talentos distintos acabam por coexistir e confluir, acabam por ser, mais depressa, a solução para um determinado problema.

Como referem Chris Brogan e Julien Smith, as barreiras que impediram noutros tempos pessoas que pensam de forma semelhante de se reunirem estão a desaparecer, permitindo que todos nós possamos transmitir pensamentos e obter informação de uma forma mais rápida do que alguma vez foi possível (cf. 2010, p. 10). Assim, é potenciada uma maior interação entre os indivíduos fazendo com que a inteligência de todos contribua para um bem comum.

A inteligência coletiva, como o próprio Surowiecki (cf. 2007) indica, necessita de quatro variáveis para funcionar de uma forma eficaz, sendo essas quatro variáveis a diversidade (pessoas diferentes com ideias diferentes), a descentralização (não existirem líderes, todos trabalham de forma igual e em conjunto), a agregação (as informações deverão ser agrupadas) e, finalmente, a independência (as pessoas deverão ser livres de expressar a sua própria opinião, sem os condicionamentos inerentes à opinião de terceiros).

Apesar das condicionantes de qualquer teoria ou linha de pensamento, acaba por ser inegável que quando reunidas um certo número de condições mínimas (pessoas não desprovidas de um mínimo de conhecimentos sobre determinada área, dispostas a participar e não a contaminar o trabalho dos outros, etc.), se conseguem resultados muito interessantes, fruto da colaboração.

Em suma, os efeitos do coletivismo a que se pode assistir são verdadeiramente surpreendentes e constituem-se como a base do trabalho colaborativo, dado que os efeitos do coletivismo e a propensão para a confiança aumentam a nossa capacidade de compreensão de uma verdadeira cidadania organizacional (cf. Dyne *et al.*, 2000, p. 21).

3. A *Crowd Translation* e a emergência de confiança tradutiva

Reforçando a ideia de que a sabedoria das multidões sustenta o conceito de que um grupo de pessoas consegue produzir de forma mais eficaz do que os membros desse grupo de forma individual, pode observar-se a emergência de diversos fenómenos de trabalho colaborativo, entre eles a *crowd translation*, também facilmente designada por *crowdsourcing* de traduções.

Este novo modelo de tradução, cuja existência abre novas perspetivas sobre o paradigma da tradução profissional, gera interesse na sua exploração, nomeadamente no que diz respeito à dinâmica e aos motivos que podem conduzir ao processamento de atividades colaborativas na área da tradução. De facto, a intervenção de grupos sociais amplos no processo tradutivo passou a ser uma realidade cada vez menos estranha no panorama em que hoje se vive e que é particularmente evidente nas redes construídas por largas comunidades de pessoas, como são as redes sociais. A intervenção de pessoas comuns num processo até agora cingido a pessoas qualificadas passou a ser aparentemente normal e visto com a mesma importância com que se vê a intervenção de pessoas comuns em outras áreas do conhecimento especializado em fenómenos de *crowdsourcing*.

No âmbito da análise do fenómeno da *Crowd Translation*, é introduzida uma variável pouco explorada no mundo da tradução colaborativa voluntária que é a confiança tradutiva, e que se encontra diretamente relacionada com as motivações e com a confiança que cada indivíduo deposita em si, permitindo-lhe realizar este tipo de atividades de tradução. A confiança que a entidade organizadora e promotora destes processos de tradução deposita nos indivíduos que com ela colaboram será igualmente explorada no âmbito da confiança tradutiva, tal como a confiança tradutiva existente junto dos leitores/utilizadores desses mesmos produtos.

3.1. Confiança

O conceito de confiança já tem sido utilizado em diversas áreas do conhecimento, como o direito, a economia, a gestão, entre outras. No entanto, e antes de se incorrer sobre essa exploração no campo da tradução colaborativa, é necessário enquadrar este conceito de uma forma mais generalista, passando por alguns teóricos que já se debruçaram sobre esta área.

De facto, o conceito de confiança já foi largamente estudado ao longo dos anos por teóricos como Niklas Luhmann (1979), Bernard Barber (1983) ou Anthony Giddens (1984), dado que sempre foi um elemento fundamental para o sucesso genuíno (Horsager, 2012, p. 1) e é também o fator que se encontra na base da maioria das relações que se estabelecem entre os indivíduos. Nesse sentido, este conceito poderá ser caracterizado pela crença em alguém ou alguma coisa, aliando a isso a certeza de que essa pessoa ou essa «alguma coisa» irá fazer o que é certo, cumprir com o prometido e manter um determinado nível de expectativas, sejam quais forem as circunstâncias (cf. Horsager, 2012). Poderá igualmente ser retratado como um determinado grau de crença numa dada hipótese (cf. Griffin / Tversky, 2002).

Apesar da sua relevância, a confiança é um estádio que implica um processo difícil de se alcançar e, por consequência, é muito frágil. Aliás, como refere Horsager (2012, p. 224) «Trust is the highest value and greatest compliment, and it is reserved for those who earn it. Even where there is love, trust may be broken or weakened. Trust is fragile». Nesse sentido, existe uma tendência acentuada para que os indivíduos se associem a comunidades onde há uma partilha dos mesmos interesses, dado que, de uma forma geral, as pessoas tendem a desconfiar de tudo o que venha de fora do seu círculo de amigos, acabando por formar grupos de pessoas que pensam da mesma forma, possuem

a mesma opinião sobre determinado tópico, ou gostam das mesmas coisas (cf. Brogan / Smith, 2010, p. 14).

Existem ainda outros fatores que podem contribuir para uma maior ou menor existência de confiança, podendo esses fatores estar relacionados com questões culturais e a própria sociedade.

No entanto, as dimensões que se encontram mais facilmente associadas ao crescimento de confiança são o «tempo», dado que a confiança não é um estágio imediato, construindo-se ao longo de um determinado período de tempo que pode variar de pessoa para pessoa e de situação para situação, e a «profundidade», sendo que esta última pode variar entre um nível de confiança mais superficial, avançando para um nível de confiança mais profundo e enraizado quando as relações se tornam mais próximas e permanentes. Ainda assim, mesmo que o fator temporal em causa seja extenso, nem sempre poderá atuar como fator decisivo para o crescimento de confiança, dado que as variáveis que contribuem para a sua existência no caso de uma pessoa são diversas (generosidade, simpatia ou altruísmo, por exemplo). Assim, é possível admitir que a confiança pode ganhar força com alguns fatores de base que advêm do indivíduo em que se confia, principalmente os aspetos que se encontram associados à sua personalidade e ao seu carácter.

Como referem Flores e Solomon, citados por Colquitt, Scott e LePine, a situação ideal é que determinada pessoa confie em alguém, porque essa pessoa é tida como confiável, e a confiabilidade que alguém possui inspira, por consequência, confiança (cf. 2007, p. 910). Em todo o caso, enquanto a propensão para a confiança é primeiramente uma questão emocional, a análise é primeiramente uma questão racional (cf. Covey / Link, 2012, p. 59).

No que respeita à Internet, acredita-se que a confiança pode emergir quando algumas condições ficam reunidas. Como Brogan e Smith referem, a confiança constrói-se na *web* devido a um determinado número de sinais que não existem necessariamente na vida real, sendo que esses sinais se podem revestir das seguintes características (cf. 2010, p. 85): design; longevidade; volume de produtividade; número e qualidade dos comentários; número e qualidade das ligações; nome do domínio; página do «sobre» e, finalmente, a existência de uma conta no Facebook ou no Twitter.

No que concerne o design, é provável que um design cuidado e estilizado acabe por inspirar mais confiança do que um básico. Relativamente à longevidade, é possível também que um *website* recente, por oposição a *websites* que existem há mais tempo, gere menos confiança inicial. Quanto ao volume de produtividade será possível intuir que um *website* com bastante conteúdo,

por oposição a um que tenha pouco e raramente seja atualizado, acaba também por gerar mais confiança. No que respeita o número e a qualidade dos comentários, pode depreender-se que se ninguém fala ou comenta determinada plataforma *web*, também ela irá acabar por gerar menos confiança, sendo que o mesmo acontece com o número e a qualidade das ligações. Se um determinado *website* é recomendado por outros acaba por gerar maior confiança que um que não o seja. A existência de ligações em *websites* como o Reddit ou no Digg, também regista a sua importância e aumenta essa mesma confiança. Relativamente ao nome do domínio é possível observar que se um determinado *website* possui um domínio profissional, tendencialmente acabará por ser mais credível do que um domínio do Blogger ou do Wordpress. Além disso, também os domínios que terminam em .com acabam por ser mais confiáveis do que domínios acabados em .info, por exemplo. A existência de uma página «Sobre», também se revela como benéfica neste contexto, dado que uma página que explicita a origem e o percurso da empresa/organização, ou o percurso profissional do seu autor, acaba por tornar-se mais confiável. Da mesma forma, a disponibilização de uma foto do seu(s) autor(es), pode igualmente contribuir para aumentar o nível de fiabilidade. Por fim, a existência de uma conta no Facebook ou no Twitter, cimentando uma presença constante nas redes sociais, pode igualmente contribuir para uma relação mais estreita com os seus leitores/ utilizadores e, por consequência, torná-lo mais confiável.

Apesar de nem todas estas características se aplicarem a todos os *websites* ou portais, é necessário reconhecer que são elementos que poderão contribuir para a construção da confiança que os indivíduos depositam naquilo que veem e que frequentam em linha, e é precisamente a confiança que é promovida no desenvolvimento de um trabalho colaborativo em linha, mais especificamente a confiança gerada a partir das traduções colaborativas para redes sociais, que se analisará mais à frente.

3.2. Confiança Tradutiva: O contributo para uma teoria da tradução

A confiança na tradução sempre foi colocada em causa, pelo que os estudos existentes no campo da confiança na tradução estão essencialmente relacionados com estimativas de confiança no campo da tradução automática. A título de exemplo, é possível destacar um estudo de doutoramento de Nicola Ueffing (2006) sobre medidas de confiança para a tradução automática, um estudo sobre a fiabilidade dos próprios sistemas de tradução automática (Bach/ Huang

/Al-Onaiza, 2011) e outro estudo de Marwa Hadj Salah (2014) sobre a capacidade dos sistemas se autoavaliarem.

Neste tipo de estudos, o objetivo primário prendia-se fundamentalmente com a necessidade de aferir, por via de programação informática, o nível de exatidão de cada termo, ou frase, traduzida – *Statistical Machine Translation*. Através dessa análise estatística acerca do nível de exatidão de cada tradução, tentavam aferir o nível de confiança que a ferramenta seria capaz de fornecer aos seus utilizadores. No entanto, aqui pretendo apresentar os graus de confiança nos agentes humanos envolvidos em processos de tradução colaborativa, pelo que essa confiança não se refere à componente tecnológica, mas sim à componente social e humana.

Neste sentido, o conceito de confiança tradutiva aqui apresentado explora uma perspetiva diferente. O foco passa a residir na confiança tradutiva que se deposita em processos de tradução colaborativa desempenhados por indivíduos que, tendencialmente poderão não possuir competência específica para o efeito, passando a confiança tradutiva que aqui se explora, a residir nos fenômenos de *crowd translation*, já explanados anteriormente neste artigo. Dado que o tipo de confiança que se analisa reside mais no indivíduo do que na máquina, convém referir que neste caso depende mais da competência do que do caráter, pois como referem Covey e Merrill, as pessoas competentes são credíveis e por isso inspiram confiança (cf. 2006, p. 92).

Assim, no caso da confiança gerada nos processos de tradução colaborativa em massa, proponho a sua divisão em três categorias: confiança de fé; confiança fundamentada e confiança ponderada.

A primeira denomina-se por «confiança de fé», ou seja, o estágio de confiança que se gera apesar de não existirem provas de que o processo de tradução colaborativa irá resultar. É uma confiança gerada num ato de boa-fé em que em vez de ocorrer numa situação conhecida (tradução efetuada por tradutores profissionais) ocorre numa situação desconhecida (tradução efetuada por um grupo de voluntários sem conhecimentos linguísticos, nem experiência profissional comprovada).

A segunda categoria é aquela que se irá denominar por «confiança fundamentada» e que se caracteriza pela confiança depositada num processo que já se verificou como eficaz e com bons resultados em momentos anteriores, apesar das variáveis que o compõem poderem mudar de caso para caso. Nesta situação poderão entender-se como variáveis não só as línguas de trabalho, como as pessoas voluntárias envolvidas no processo de tradução e as suas próprias motivações. Encarando não só os processos, mas também os indivíduos que os

realizam, Roy Lewicki e Edward Tomlinson afirmam (2003) que a nossa confiança num determinado indivíduo pode ser baseada na nossa avaliação da sua capacidade, integridade e benevolência, ou seja, quanto mais observamos estas características noutra pessoa, mais provável é que a nossa confiança nela aumente. Revela-se igualmente numa expectativa gerada sobre um comportamento futuro de outra pessoa, associada a um sentimento de calma e segurança. Essa outra pessoa deve comportar-se como acordado ou pelo menos de acordo com expectativas subjetivas, deixando sempre aberta a possibilidade de a pessoa agir de forma diferente, dado que é impossível ou indesejável controlar essa mesma pessoa (cf. Kassebaum, 2004, p. 21). Por fim, a confiança nessa pessoa também pode decorrer de uma transferência, ou seja, essa pessoa tornar-se confiável, pelo facto de alguém pertencente a um determinado ciclo de confiança a recomendar.

Contudo, neste contexto, não é possível alegar que a relação de confiança se constrói com cada um dos indivíduos que integram esta rede de trabalho colaborativo, dado que acaba por ser impossível conhecer e estabelecer uma relação com cada uma das pessoas que colaboram nestes projetos. Assim, considero que a questão da confiança tradutiva acaba por ser um sentimento generalista associado a uma situação e a uma estratégia residindo no grupo e no método aplicado e não em cada uma das pessoas que para ele contribuíram em particular, até porque, na maioria dos casos, não é efetuada nenhuma seleção das pessoas que participam nestes projetos.

Em inglês, acredita-se que a distinção que se está a efetuar entre confiança de boa-fé e confiança fundamentada já existe de alguma forma se se encararem os termos «*trust*» e «*confidence*». Como refere Barbara Adams, «A confidence judgement typically has a very specific referent, and is influenced by base rates and prior probabilities» (2005: iii). Já o conceito de «*trust*» «is characterized by the need to take a “leap of faith” from what is known to what is unknown» (*ibid.*). Como ainda refere Adams, baseada em Mayer, a confiança só se coloca em causa na presença do risco, da incerteza, da vulnerabilidade e da necessidade de interdependência com outra pessoa (cf. Adams, 2005: iii). Em suma, quando se fala de «*confidence*», este conceito é suportado num determinado grau de probabilidade e em factos anteriores que atestam maiores níveis de confiança. O uso do termo «*trust*», por outro lado, já indicia uma confiança existente sem bases concretas que a sustentem.

Como referido acima, proponho ainda a existência de «confiança ponderada», que é um estádio intermédio de confiança, que se encontraria entre a «confiança de fé» e a «confiança fundamentada». As redes sociais que recorrem

às traduções colaborativas para verem os seus *websites* traduzidos, analisando o caso do Facebook e do Twitter em particular, possuem uma estrutura que sugere que o projeto de tradução colaborativa assentou precisamente pela confiança ponderada. Será possível encontrar algumas bases para aquilo que aqui se entende como confiança ponderada, nos estudos de Stephen Covey e Greg Link (cf. 2012) quando abordam o conceito de «*smart trust*». A «*smart trust*» é caracterizada por estes autores como reunindo três variáveis em particular, que são: oportunidade; risco e credibilidade. Assim, considero que a confiança ponderada analisa igualmente a questão da oportunidade, do risco, da credibilidade, mas também do comprometimento para com uma dada causa, dado que o sentido de comunidade e comprometimento existente em muitos casos, atesta uma segurança que permite garantir, à partida, um determinado nível de confiança.

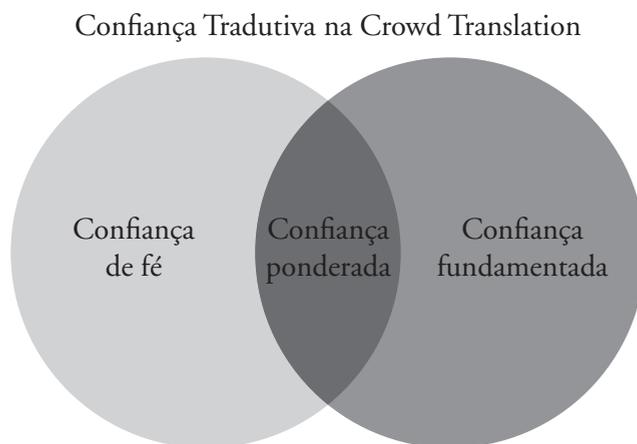


Ilustração 1: Esquema dos estádios de Confiança Tradutiva no modelo de Crowd Translation.

No caso do Facebook em particular, e observando a forma como decorreu a implementação deste processo, antevê-se que inicialmente apenas se terá baseado na oportunidade, no risco e no comprometimento para a sua causa. A «oportunidade» emerge da necessidade do Facebook em disponibilizar, o mais rápido possível, traduções do interface da sua plataforma, com o objetivo de a tornar disponível para um público mais alargado. A variável do «risco», por outro lado, encontra-se sempre presente, visto que todas as situações enfrentam, tendencialmente, um determinado grau de risco. No que se refere à possibilidade do «comprometimento com uma dada causa», observa-se igualmente a sua intervenção na sustentação da confiança fundamentada, dado que muitas pessoas desenvolvem um sentimento de comunidade e de pertença

por determinados organismos, que faz com que pretendam providenciar o melhor tipo de trabalho que lhes for possível, junto dessas mesmas causas ou organismos. Como esse comprometimento já vai sendo passível de verificação noutras situações da comunidade, prevê-se que será extensível e verificável também noutras áreas como a tradução.

A «credibilidade» será a única variável que se prevê como não constante de uma fase inicial, uma vez que não foi completamente tida em linha de conta pelo Facebook. Numa fase inicial não são desenvolvidos processos que controlem o tipo de pessoas que se voluntariam para o projeto de tradução colaborativa, pelo que não há nada que possa atestar uma possível credibilidade dos seus intervenientes no início. Aliás, se se ponderar devidamente esta situação, chega-se facilmente à conclusão de que a ausência de verificação de competências foi um enorme risco, dado que, efetivamente existem pessoas a quem se reconhece a capacidade para desempenhar determinadas tarefas e outras pessoas a quem não seria reconhecida essa mesma capacidade. Nesse sentido, torna-se curioso pensar por que motivos entidades como o Facebook ou outras redes sociais não tiveram em conta, inicialmente, nenhum tipo de validação que pudesse promover uma confiança fundamentada nos indivíduos que colaboram nestes processos de tradução colaborativa. Acredito porém, que poderá não ter havido uma confiança fundamentada nas pessoas, mas poderá ter havido no processo. Apesar do processo desenvolvido pelo Facebook ser diferente dos desenvolvidos até à data, motivo pelo qual pretenderam patentear esse método (cf. Kincaid, 2009), foi também ele impulsionado por experiências desenvolvidas anteriormente com as traduções colaborativas de outro tipo de aplicações (ex: Mozilla Firefox). Apesar disso, pode reconhecer-se que ao longo do tempo o Facebook tentou desenvolver esforços que permitissem um aumento da credibilidade do sistema como, por exemplo, sistema de votação entre utilizadores, que foi desenvolvido com o intuito de validar as traduções inseridas (cf. Holliday, 2009). Além disso, no caso do português europeu, por exemplo, existiu igualmente um guia de estilo, elaborado por alguns tradutores voluntários, que pretendia elucidar sobre algumas questões culturais e de estilo que deveriam ser tidas em conta e que, essencialmente, não deveriam ser confundidas ou aplicadas ao português do Brasil. Dada a importância de uma ferramenta linguística deste género, desde 2014 que existe outro guia de estilo, desta vez promovido e elaborado pelo Facebook e que substituiu o anterior.

Assim, o processo de tradução colaborativa potenciado pelo Facebook terá sido assente numa «confiança ponderada», ainda que a variável do risco estivesse sempre presente. Em todo o caso, e apesar de considerar que a «confiança

ponderada» foi a base para avançarem com um projeto deste género, convém igualmente analisar as relações de confiança que se desenvolvem posteriormente, no decorrer do processo, e que acabaram por contribuir, no futuro, para o desenvolvimento de uma «confiança fundamentada».

Neste sentido, isso leva-nos a observar as relações estabelecidas entre a entidade que recorre ao processo de *crowd translation* na web e as pessoas que, de forma voluntária, participam nessas atividades, dado que é o estado de confiança e credibilidade que depois se gera entre estes dois lados que permite que esta colaboração aconteça num ambiente de rede e de partilha que acaba por permanecer ao longo do tempo. No entanto, como refere Piotr Cofta, baseado em Russel Hardin, apesar de não ser totalmente claro se é o efeito de rede que facilita a existência de confiança, ou se é a confiança que permite que se estabeleça uma rede de relações sociais, é óbvio o benefício de ambas (cf. Cofta, 2007).

Neste sentido, para uma melhor compreensão desta relação tida como benéfica, impõe-se uma exploração sobre as motivações inerentes a estes projetos. Para além disso, é interessante observar também o que leva determinadas organizações (Facebook, Twitter, etc.) a considerar que o trabalho dos tradutores voluntários é suficiente bom para ser usado, uma vez que a grande maioria desses tradutores voluntários, tendencialmente, não possuem qualificações académicas específicas ou experiência profissional para o fazer. Ainda assim, e apesar de normalmente estes voluntários não possuem essas mesmas competências formais, é possível atentar às palavras de Pym quando este refere que, por diversas vezes, a competência não pode ser confundida com questões de qualificações profissionais (cf. Pym, 2002, p. 2).

Assim, o que acaba por ocorrer é que os tradutores voluntários possuem diversas oportunidades para evidenciar a competência que acreditam ter, sendo que essa mesma competência e confiança no seu trabalho pode revelar-se em vários contributos e não exclusivamente num determinado momento que poderá ter resultado numa tradução menos adequada. Como refere Horsager «You will never get one big chance to be trusted in your life; you will get thousands of small ones» (2012, p. 221). Assim, se ao longo do tempo as traduções desenvolvidas e validadas pelo sistema de controlo de votações se mostram como respeitadores dos padrões esperados pelo Facebook e pelo Twitter, acaba por emergir uma relação de confiança.

Desta forma, sugiro que a variável da confiança se poderá revelar por três vias, ou seja, por parte da entidade que solicita as traduções colaborativas aos voluntários, por parte do tradutor voluntário, através da confiança que ele tem

em si mesmo para realizar a tarefa de tradução e, por fim, pela confiança do utilizador que recebe e lê o produto resultante dessa mesma tradução. Com base nos conceitos anteriormente identificados, os diversos intervenientes neste processo depositariam também diferentes tipos de confiança no mesmo.

Confiança Tradutiva na Crowd Translation (a visão dos intervenientes no processo)

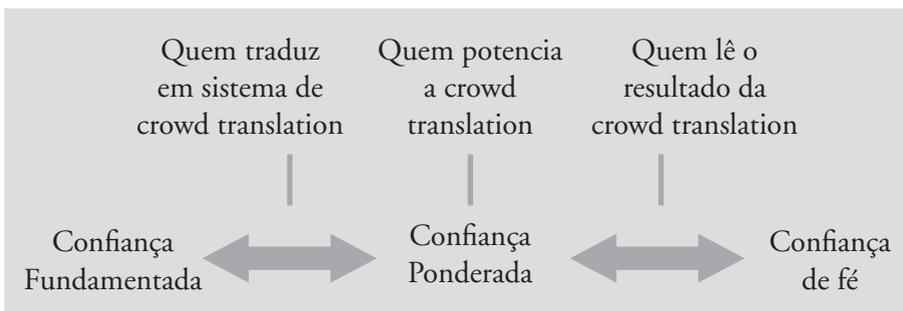


Ilustração 2: A Confiança Tradutiva de cada um dos intervenientes no processo de tradução nas redes sociais.

No caso das entidades potenciadoras do processo, e como já anteriormente explanado, considera-se que se verifica uma situação de confiança ponderada, dada a existência de algumas bases anteriores com outras entidades que anteviam algumas possibilidades de sucesso. No caso dos tradutores voluntários intervenientes nestes processos, ocorrerá um misto de confiança, variando entre confiança fundamentada por parte dos indivíduos que possuem competências técnicas e formais para intervir neste tipo de tarefas e uma confiança de fé por parte dos indivíduos que acreditam que poderão fazer um bom trabalho, embora nunca tenham participado em atividades do género, nem possuam competências formais/profissionais para o fazer. Por fim, e por parte de quem recebe e usufrui do produto resultante das traduções voluntárias, existirá um misto entre a confiança fundamentada, pelo facto de confiarem no Facebook e acreditarem que esta entidade irá certificar-se de que a mensagem correta é veiculada, como também uma confiança de fé, baseada na inexistência de preocupações sobre este fator, decorrentes do desconhecimento da tradução voluntária implicada no processo. Além disso, recordamos junto de Pym que «such language workers ultimately achieve trust not on the basis of where their words have come from, but on what can be done with the texts they produce» (2004, p. 175), pelo que a confiança que o leitor/utilizador deposita no texto localizado é muitas

vezes associada à forma como este é percebido e aplicado no seu destino. Quanto maior a sua adaptabilidade ao público de destino, maior é a confiança que o leitor deposita nele.

4. Conclusões

A abordagem feita à *crowd translation* realizada nas redes sociais permite, em primeira instância, clarificar que este modelo reflete um método de produção colaborativa de traduções, que alia a competência natural de tradução de colaboradores voluntários (de qualquer nível de competência e legitimidade no campo da tradução), ao conhecimento coletivo de voluntários espalhados pela *web*, tradutores ou não. Permite igualmente compreender, que a emergência da confiança tradutiva no processo pode ser categorizada de três formas diferentes, para as quais se apresentaram as seguintes denominações: confiança de fé, confiança fundamentada e a confiança ponderada.

Este posicionamento teórico pretende refletir sobre a existência de confiança tradutiva por parte das entidades que potenciam este processo, como também por parte de quem integra estes fenômenos de tradução de forma voluntária e de quem deles beneficia permitindo, assim, que o paradigma da tradução seja, uma vez mais alvo de reflexão e estudo.

5. Referências bibliográficas

- ADAMS, B. (2005). *Trust vs. Confidence*. Toronto: Department of National Defence. URL: <http://cradpdf.drdc-rddc.gc.ca/PDFS/unc48/p524541.pdf> [Acesso em abril de 2016].
- BACH, N. / HUANG, F. / AL-ONAIZA, Y. (2011). Goodness: A Method for Measuring Machine Translation Confidence. *Proceedings of the 49th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*, Portland: Association for Computational Linguistics, pp. 211-219. URL: <http://www.cs.cmu.edu/~nbach/papers/ACL2011.pdf> [Acesso em abril de 2016].
- BARBER, B. (1983). *The Logic and Limits of Trust*. Rutgers University Press.
- BROGAN, C. / SMITH, J. (2010). *Trust Agents: Using the Web to Build Influence, Improve Reputation, and Earn Trust*. Nova Jérícia: John Wiley & Sons, Inc.
- COFTA, P. (2007). *Trust, Complexity and Control: Confidence in a Convergent World*. Chichester: John Wiley & Sons Ltd.

- COLQUITT, J. / SCOTT, B. / LEPINE, J. (2007). «Trust, Trustworthiness, and Trust Propensity: A Meta-Analytic Test of Their Unique Relationships With Risk Taking and Job Performance», *Journal of Applied Psychology*, v. 92, n. 4, pp. 909-927.
- COVEY, S. / LINK, G. (2012). *Smart Trust*. Londres: Simon & Schuster.
- COVEY, S. / MERRILL, R. (2006). *The Speed of Trust – The one thing that changes everything*. Londres: Simon & Schuster.
- DARWISH, A. (2000). «Is Translation Natural?», URL: <http://www.translocutions.com/translation/natural.pdf> [Acesso em Abril de 2016].
- DYNE, L. / VANDEVALLE, D. / KOSTOVA, T. / LATHAM, M. / CUMMINGS, L. (2000). Collectivism, propensity to trust and self-esteem as predictors of organizational citizenship in a non-work setting. *Journal of Organizational Behavior*, n. 21, pp. 3-23. URL: <http://www.linnvandyne.com/papers/JOB%202000%20Van%20Dyne%20OCB%20non%20work%20setting.pdf> [Acesso em abril de 2016].
- GIDDENS, A. (1984). *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration*. Cambridge: Polity Press.
- GRIFFIN, D. / TVERSKY, A. (2002). The weighing of evidence and the determinants of confidence, in: T. GILOVICH / D. GRIFFIN / D. KAHNEMAN (eds.), *Heuristics and biases: The psychology of intuitive judgment*. Nova Iorque: Cambridge University Press, pp. 230-249.
- HARRIS, B. (1976). The Importance of Natural Translation. *Working Papers in Bilingualism*, 12, pp. 96-114. URL: https://www.academia.edu/1406388/The_importance_of_natural_translation. [Consultado em abril de 2016].
- HOLLIDAY, M. (2009). Facebook Seeks To Patent Crowd-Sourcing Translations Application, *Inside Facebook*, 03.09.2009. URL: <http://www.insidefacebook.com/2009/09/03/facebook-seeks-to-patent-translations-crowd-sourcing-language-application/> [Acesso em abril de 2016].
- HORSAGER, D. (2012). *The Trust Edge: How Top Leaders Gain Faster Results, Deeper Relationships, and a Stronger Bottom Line*. Nova Iorque: First Free Press.
- HURTADO ALBIR, A. (2001). *Traducción y Traductología*. Madrid: Cátedra.
- KASSEBAUM, U. (2004). *Interpersonelles Vertrauen: Entwicklung eines Inventars zur Erfassung spezifischer Aspekte des Konstrukts*. [Dissertação de Doutorado]. Hamburgo: Universität Hamburg. URL: <http://ediss.sub.uni-hamburg.de/volltexte/2004/2125/pdf/Dissertation.pdf> [Acesso em abril de 2016].
- KINCAID, J. (2009). Facebook Wants To Own Idea Of Crowdsourced Translations. *Techcrunch*, 26.08.2009. URL: <http://techcrunch.com/2009/08/26/facebook-files-for-patent-on-crowdsourced-translations/> [Acesso em abril de 2016].

- LEWICKI, R. / TOMLINSON, E. (2003). Trust and Trust Building. *Beyond Intractability*. URL: <http://www.beyondintractability.org/bi-essay/trust-building> [Acesso em abril de 2016].
- LÖRCHER, W. (2012). Bilingualism and Translation Competence – A research project and its first results. *SYNAPS – A Journal of Professional Communication*. URL: https://brage.bibsys.no/xmlui/bitstream/handle/11250/2393971/Lorscher_27.pdf?sequence=1. [Consultado em abril de 2016].
- LUHMANN, N. (1979). *Trust and Power*. Nova Iorque: John Wiley & Sons.
- PYM, A. (2002). Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In defense of a minimalist approach. *Tinet*. URL: <http://www.tinet.cat/~apym/on-line/training/competence.pdf> [Acesso em abril de 2016].
- PYM, A. (2004). *The Moving Text, Localization, Translation, and Distribution*, Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins.
- SALAH, M. H. (2014). Corpus oral pour les mesures de confiance pour la Traduction Automatique de la Parole. *Linguistics*. URL: <http://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-01023835/document> [Acesso em abril de 2016].
- SUROWIECKI, J. (2007). *A Sabedoria das Multidões*. Lisboa: Lua de Papel.
- TOURY, G. (1995). *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amesterdão / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- UEFFING, N. (2006). *Word Confidence Measures for Machine Translation*. [Dissertação de Doutoramento]. Aachen: RWTH Universidade de Aachen.
- VAN DIJK (2012). *The Network Society*. Londres: Sage Publications. [3.ª edição].

TÍTULO: A confiança tradutiva em fenómenos de *crowd translation*

RESUMO: A tradução contemporânea é uma área altamente tecnológica, não só por via da tradução automática e da tradução assistida por computador, mas também por via da intervenção humana em plataformas de tradução colaborativa, como o são as redes sociais.

Nesse contexto, este artigo pretende permitir um maior entendimento acerca das dinâmicas que circundam o desenvolvimento de processos de tradução colaborativa nas redes sociais (Facebook e Twitter), dado que as plataformas de tradução colaborativa para tradutores não-profissionais começam a vulgarizar-se nas redes sociais, alavancadas que são pelos movimentos de massas. Este fenómeno é vulgarmente conhecido por *crowd translation* ou *translations' crowdsourcing*.

Nesse sentido, é necessário obter uma maior compreensão acerca da confiança que leva determinadas redes sociais a investir e a melhorar modelos de *crowd translation*. É igualmente analisada a confiança que permite que tradutores voluntários se envolvam nestes projetos, apesar da eventual falta de competências para o fazer.

Para refletir sobre este fenómeno, é introduzido o conceito de confiança tradutiva, que será analisado através de uma noção mais abrangente de confiança, ao mesmo tempo que se foca numa proposta de categorização de confiança tradutiva.

TITLE: Translation Trust on Situations Involving *Crowd Translation*

ABSTRACT: Contemporary translation is a highly technologised area not only through machine translation and computer assisted translation, but also through human intervention in collaborative translation platforms like social networks.

In this context, this paper intends to allow a greater understanding about the dynamics surrounding the development of collaborative translation processes in social networks (Facebook and Twitter), since collaborative translation platforms for non-professional translators are starting to be a common place in social networks, being promoted by the masses. This phenomenon is commonly known as crowd translation or translations' crowdsourcing.

Therefore, it is necessary to achieve a greater understanding of the trust that compels certain social networks to invest and enhance crowd translation models. It is also analysed the trust that leads some volunteer translators to get involved in these projects, despite the eventual lack of competencies to do so.

To reflect about this phenomenon this study intends to introduce the concept of Translation Trust, which will be observed through the broad concept of trust and focused on a proposed categorisation of three types of translation trust.